

DIÁLOGO E TRANSGRESSÃO DA TRADIÇÃO POÉTICA: QUANDO “O CÃO SEM PLUMAS”, DE JOÃO CABRAL, TRAVESTE-SE DE “A CADELA EMPLUMADA”, DE AYMMAR RODRIGUÉZ

Renata Pimentel Teixeira¹
Ana Clara Magalhães de Medeiros²
Eduardo de Lima Beserra³

Resumo: O poema “O cão sem plumas” (1950), de João Cabral de Melo Neto é consagrado representante da tradição poética pernambucana e brasileira do século XX, versos que desenham um Rio Capibaribe social ácido, não turístico, uma identidade marginal da sua Recife. O poeta Raimundo de Moraes, já no século XXI, cria o heterônimo Aymmar Rodríguez, que traveste de fêmea a figura canina de Cabral e, por meio desta operação e de torções do olhar em um diálogo explícito, reconstrói a tradição, queerizando o cânone com “A cadela emplumada” (2015). Neste estudo dialógico e de base comparativa, usamos o dispositivo da (homo)sexualidade como ferramenta de leitura e transgressão, segundo a proposição de Souza Jr. (2019) em *Herdeiros de Sísifo*. Além disso, amparando teoricamente nossa comparação dialógica, recorreremos aos pressupostos de Mikhail Bakhtin (2006).

Palavras-chave: Poesia, tradição, transgressão, João Cabral de Melo Neto, Aymmar Rodríguez/ Raimundo de Moraes.

Esta proposta parte do poema “A cadela emplumada”, publicada no livro *Coesia* (2015), do autor pernambucano contemporâneo Raimundo de Moraes. O poeta traveste-se de dois heterônimos no livro indicado: uma é Alma Henning, heterônima que assina os poemas da primeira parte da obra; outro é Aymmar Rodríguez, que responde pelos três poemas da segunda parte da publicação. Segundo Moraes, no texto de apresentação dos poemas, “*Coesia* é uma literatura de exílios. Dois autores de épocas e estilos diferentes unidos através de um destino de marginalidade” (MORAES, 2015, p. 7). Com estrutura eminentemente dialógica e polifônica, *Coesia* certamente constitui obra que merece maior investigação da crítica literária nordestina e brasileira nestes primeiros anos de recepção do texto pelo público.

No presente artigo, iniciamos tal esforço, a partir do cotejamento de um dos poemas da segunda parte do livro – o já mencionado “A cadela emplumada” – com o

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: renatapimentel@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas. E-mail: a.claramagalhaes@gmail.com

³ Universidade Federal de Alagoas. E-mail: eduardobsrr7@gmail.com

texto de João Cabral de Melo Neto, “O cão sem plumas” (1950), pela comparação inevitável suscitada desde o título das obras. Ademais, agregamos a tal análise comparada a produção fílmica de Taciana Oliveira (2015, com interpretação de André Monteiro) que leva o mesmo nome do poema de Raimundo de Moraes.

João Cabral de Melo Neto constituiu uma poética que não apenas tece reflexões sobre o ato de fazer poesia, mas também produziu obras que dão ênfase às problemáticas sociais e culturais que perpassaram a época em que viveu. Uma dessas obras é “O cão sem plumas” (1950) cujo foco se espraia na decadência do rio Capibaribe – importante curso de água do Recife, cidade onde João Cabral nasceu e residiu parte da vida.

O poema em questão está organizado em quatro partes: a primeira e a segunda se intitulam “Paisagem do Capibaribe”; a terceira, “Fábula do Capibaribe”; a quarta parte, “Discurso do Capibaribe”. O conjunto de versos gira em torno das relações entre o rio e os indivíduos que o margeiam, e o eu lírico toma a imagem do cão sem feições aprazíveis para reclamar signos que são responsáveis pela caracterização dos aspectos do afluente. Isto é, o eu poético aponta elementos por meio dos quais o rio Capibaribe perde seus traços cedidos pela natureza: exuberância, vicejo, diafaneidade.

Além disso, os blocos que organizam o poema, a partir de um determinado elemento natural, projetam os fatores que representam os porquês da degradação do Capibaribe, as consequências disso tanto para os que vivem às margens e no entorno dele quanto para a identidade da capital de Pernambuco, bem como refletem a existência em tom mórbido, marasmático. No entanto, sob a perspectiva da potência de vida e resistência, o quarto bloco, “Discurso do Capibaribe”, parece lançar luz nas trevas, na nebulosidade que envolve a paisagem enunciada pelo eu lírico: a vida espessa na luta diária: “Espesso,/ porque é mais espessa /a vida que se luta/ cada dia,/ o dia que se adquire/ cada dia/ (como uma ave/ que vai cada segundo/ conquistando seu vôo)” (MELO NETO, s.d, p. 9).

“O cão sem plumas” não se esgarça nesse simples panorama, tampouco se torna simulacro de uma realidade subjacente ao século XX. Nesse sentido, o que ele configura ressona, nos dias atuais, delatando não apenas a problemática percebida pelo eu poético de João Cabral de Melo Neto, mas também, pelo prisma da transgressão e da

transfiguração do cão com caracteres ominosos em uma figura ironicamente graciosa, evoca a decadência que ultrapassa as zonas limítrofes do rio Capibaribe.

À vista disso, trazemos à baila o poema “A cadela emplumada” (2015), de Aymmar Rodríguez, heterônimo de Raimundo de Moraes, foco maior deste artigo, por meio do qual usamos a lente reversa do tempo e é repostado em cena o universo evocado por Cabral, óbvia referência para “A Cadela emplumada”. No referido poema, deparamo-nos com as facetas da cidade de Recife para além da densidade aquosa do rio Capibaribe, isto é, o eu poético nos lança para a paisagem de concreto, desloca-nos para a experiência de sentir o frenesi das ruas com o barulho dos transeuntes e dos automóveis exalando gás carbônico.

Outrossim, “A cadela emplumada” não se sustenta apenas no tecido poético, na materialidade escrita da linguagem – também ganha voz e forma mediante recitação/performance do artista André Monteiro numa obra audiovisual em forma de vídeo-poema. Na medida em que o poema é interpretado, imagens da cidade de Recife são articuladas e apresentadas ao interlocutor. Visamos, nesta proposta, analisar de modo comparado o poema de Rodríguez publicado no livro *Coesia* (2015), em processo dialógico que considera o vídeo-poema citado, bem como o canônico texto de João Cabral.

Como se faz perceber, os dois poemas dialogam entre si. De um rio personificado, com o esmero dissipado, somos deslocados para paisagens diversas abraçadas ao Capibaribe. Nesse sentido, “A cadela emplumada” tece um véu de história para abarcar origens e traçar os contornos de um aqui e um agora em relação ao século de João Cabral de Melo Neto.

Desse modo, procuramos aproximar os dois poemas supracitados, investigando as relações dialógicas que os colocam em contato, bem como analisar os aspectos verbo-visuais do vídeo-poema. Para isso, valemo-nos das concepções de dialogismo e alteridade postuladas por Mikhail Bakhtin (2006), tanto quanto buscamos compreender o processo de transgressão, no poema de Aymmar Rodríguez, mediante o conceito de “Homoerotismo”, ponderado por Souza Júnior (2019), em “*Herdeiros de Sísifo*”.

Liso como o ventre
de uma cadela fecunda,
o rio cresce

sem nunca explodir.
Tem, o rio,
um parto fluente e invertebrado
como o de uma cadela.

E jamais o vi ferver
(como ferve
o pão que fermenta).
Em silêncio,
o rio carrega sua fecundidade pobre,
grávido de uma terra negra
(MELO NETO, s.d, p. 1-2).

Nestes versos de “O cão sem plumas”, o eu poético associa a fecundidade do Capibaribe à de uma cadela, provavelmente errante, sustentada pelas migalhas que lhe são dadas. Esse eu lírico também alude a um silêncio que oblitera o vicejar do rio, como mostram os versos: “Em silêncio, / o rio carrega sua fecundidade pobre, / grávido de terra negra”. O rebento do rio remete à desolação e à miséria, resvalado da claridade e da condição frondosa do existir, eis o que nos sugere o emprego do vocábulo “negra” no contexto do poema, a despeito de seu uso marcar a reiteração de um valor negativo ao vocábulo, o que poderia ser contestado em uma chave de identificação dos preconceitos que a linguagem carrega. Mas trata-se, também, de um uso contextualizado em um momento no qual essa discussão sobre o uso da linguagem não se impunha da mesma forma que hoje. Ademais, o eu poético demarca sua posição de contemplador – a quem cabe apenas a alteridade do olhar, o lamento rememorado.

Neste ponto, elucidamos que Mikhail Bakhtin agrega em nossa discussão, especialmente a partir de suas fragmentárias reflexões expressas na obra *Estética da criação verbal*, pelo que caracteriza de contestador e de libertário no ato artístico. Para o pensador, as obras literárias permanecem em diálogo inacabado hostil à ideia de conclusão – se a conclusão é vista como ato de violência. Valorando as alteridades de João Cabral, Aymmar Rodríguez e de Taciana Oliveira/ André Monteiro, em suas produções que dialogam no *grande tempo* (expressão bakhtiniana) da cultura, afirmamos com o teórico do dialogismo:

A descoberta artística do homem-indivíduo. O tratamento dialógico como a única forma de tratamento do homem-indivíduo, que lhe preserva a liberdade e a inconclusibilidade. (...) A conclusão artística como variedade da violência (BAKHTIN, 2006, p. 346-347).

Com o intuito de “preservar a liberdade” das vozes e formas que falam nas três produções aqui estudadas, entendemos que ambas discutem, à sua maneira, a degradação humana no espaço – do Recife, mas, por extensão, do Brasil. Avançando para “A cadela emplumada”, ali apreendemos elementos patentes relacionados a origens, ao grau zero que determina a gênese de tudo que está abraçado ao rio Capibaribe.

Guandirô saiu da mata
disfarçado de guará
Dentro do rio
viu a bela Maricy
lavando a tamatiá

Guandirô em pelo e patas
a virgem tupinambá cobriu
Depois escondida no mangue
Maricy gemendo e chorando
uma cadela pariu
(RODRIGUÉZ, 2015, p. 76-77).

Nesses versos, são evocadas imagens relacionadas aos povos indígenas brasileiros como símbolos de origem, daquilo que antecede o genocídio e a exploração dos processos de dominação colonial. Isso se faz ver pela presença do Deus da Noite, Guandirô, e da Índia Tupã, Maricy. As duas estrofes nos remetem ao nascimento doloroso e caótico das gerações que marcarão a formação/ o desenvolvimento da cidade de Recife.

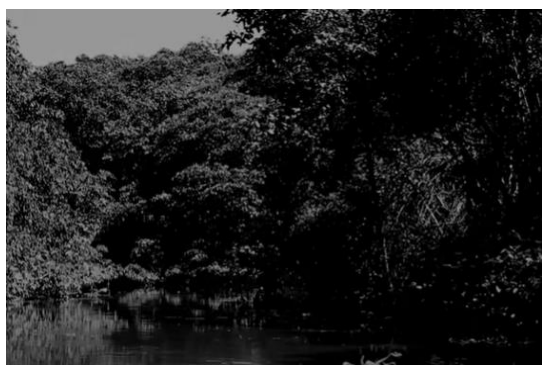


Figura 1 – 0:46secs



Figura 2 – 1min 1seg

As duas imagens, extraídas do vídeo-poema, harmonizam-se com os versos destacados de “A cadela emplumada”. A primeira representa a mata, como lugar de

tocaia do Deus Guandirô, bem como mostra partes do rio, onde a bela Maricy lavava a tamatiá (palavra indígena para definir a genitália feminina em geral). A segunda imagem, com elementos urbanos ao fundo, refere-se ao rebento resultante das ânsias lascivas do Deus sobre a Índia Tupã.

Ao passo em que o poema de Rodríguez expressa celeridades e/ou frenesis, “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto, manifesta os signos do silêncio, da morbidez e/ou estagnação – como se faz notar nos seguintes versos:

Em silêncio se dá:
em capas de terra negra,
em botinas ou luvas de terra negra
para o pé ou para a mão
que mergulha.

[...]

Ele tinha algo, então,
da estagnação de um louco.
Algo da estagnação
do hospital, da penitenciária, dos asilos,
Da vida suja e abafada
(de roupa suja e abafada)
por onde veio arrastando
(MELO NETO, s.d, p. 2).

O tom marasmático suscitado pelas estrofes acima se desloca da acentuação grave e acelerada que “A cadela emplumada” produz. Decerto, isso se deve às posturas assumidas pelo eu poético de cada poema: enquanto um se atém aos eventos que dão a caracterização cabal do Capibaribe, o outro se espraia nas sutilezas não apenas do que está no estado de morbidez do rio, mas também se debruça sobre uma história de colonização, balizando violências que atingem gerações e povos distintos, etnias originárias e corpos dissidentes, “empurrados” para a vida precária às margens daquelas águas. Emblemática é, neste sentido, a epígrafe ao poema de Rodríguez: “no Recife tudo está ostensivamente jogado numa espécie de desarranjo cósmico” (apud 2015, p. 75), do geógrafo Josué de Castro. Nota-se, assim, o papel da literatura contemporânea brasileira (em suas expressões textual, audiovisual, performada, etc.) na discussão inacabada com obras da nossa cultura artística e intelectual no sentido de produzir interpretações mais atualizadas – e combativas – da história nacional e local.

Ademais, outros elementos de intersecção entre os dois poemas são percebidos quando os eus líricos acentuam as consequências tanto do nascimento do rio quanto da arquitetura urbana na existência dos homens, seja para os que vivem às margens ácidas e recalcitrantes do Capibaribe, seja para os que habitam as zonas de cimento e concreto e aspiram CO2:

Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado
(MELO NETO, s.d, p. 3).

Nos versos de João Cabral de Melo Neto, os homens não apenas são reduzidos à condição de miseráveis, mas também são comparados a cães sem pluma, sem esmero, afundados em vilipêndios, são “homens plantados na lama, / de casas de lama / plantadas em ilhas / coaguladas de lama; / paisagem de anfíbios / de lama e lama” (MELO NETO, s.d, p. 3), versos que reverberam, também, a voz de Josué de Castro em seu *Geografia da fome* (publicado em 1946) e no seu romance *Homens e caranguejos* (1967), do qual colhemos:

Sêres (sic) humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama e que depois de terem bebido na infância este (sic) leite de lama, de se te rem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podiam libertar desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com as suas duras caparaças também enlambuzadas de lama. (CASTRO, 1967, p. 12-13)

A lama manifesta a decadência do humano, assim como é o que fecunda o meio no qual ele subsiste: lugar de arrabalde, onde estão os desfavorecidos, homens insólitos por resistirem aos martírios que “na água do rio, / lentamente, / se vão perdendo / em lama; numa lama / que pouco a pouco / também não pode falar: / que pouco a pouco / ganha os gestos defuntos / da lama; / o sangue de goma, / o olho parálítico / da lama (MELO NETO, s.d, p. 05).

“A cadela emplumada” assinala a derrocada humana mediante sua manifestação no cenário da vida cotidiana, no meio urbano, nos limites entre o aquoso e a aridez da vida gregária. Tomem-se os exemplos visuais e vérsicos dessa degradação:



Figura 3 – 3min 29secs



Figura 4 – 3min 50seg

És mais animal
que os peçonhentos
que te acompanhavam
nas primeiras noites
de escravidão
que agora retornam
escavando novas tocas em
túneis shoppings escritórios
(RODRIGUÉZ, 2015, p. 85)

Os versos, respaldados pelas imagens do vídeo-poema, dão a tônica dos efeitos nefandos que a cidade em seu questionável progresso capitalista de DNA colonial exerce sobre o humano. Os processos de constituição e reelaboração do espaço urbano são determinados por traços da lógica escravocrata de trabalho, como enfatiza a estrofe destacada anteriormente. Ademais, instauram-se os retratos da fome e da miséria. Afinal, o exército de reserva precisa manter-se potente nas searas da era do capital. A vida se ergue diariamente sobre as incertezas, com lassidão, “porque é mais espessa a vida / a vida que se luta / cada dia, / o dia que se adquire / cada dia (como uma ave / que vai cada segundo / conquistando seu voo) (MELO NETO, s.d, p. 9).

Buzinas gritam
cadela! cadela!
Cada um de nós

Suga a carcaça célebre
Desse filho de Guandirô
Antes que vires caveira
sou o bobo que
teu epitáfio anuncia
Além dos latidos
ouço o coração da cidadela
e em cada outdoor vejo
o verdadeiro nome
da cadela
(RODRIGUÉZ, 2015, p. 88).

Eis as facetas da transgressão: “O cão sem plumas” se traveste em “A cadela emplumada” nos limites que se fazem apreender na imagem e no arranjo dos versos instaurados na estrofe. De um lado, situa-se o que é caro à burguesia e às classes sociais mais favorecidas. De outro, o vigorar letárgico dos que procuram transcender a fronteira que separa os afortunados dos necessitados, estes eivados pela desolação, transpassados pela espada do silenciamento e esquecimento, fundidos à natureza maculada dos fluxos de água – lugar cativo das incertezas e da ambivalência: “Difícil é saber / se aquele homem / já não está / mais aquém do homem; / mais aquém do homem / apenas capaz de roer / os ossos do ofício; / capaz de sangrar / na praça; / capaz de gritar / se a moenda lhe mastiga o braço; / capaz / de ter a vida mastigada / e não apenas dissolvida / (naquela água macia / que amolece seus ossos / como amoleceu as pedras) (MELO NETO, s.d, p. 5).



Figura 5 – 5min 30secs

As vozes que ressonam dos poemas, aqui apreciados, entram em diálogo em diversos pontos, como nos foi possível perceber a partir da postura comparativa assumida. Mediante o sentimento estético e para além das organizações sintáticas e das suspeitas semânticas, caro nos foi compreender os discursos, os sentidos dos enunciados firmados na materialidade verbal das duas obras. Nessa perspectiva, contudo, transpor os limites das palavras concretas, a fim de sondarmos o que elas abrigam, fez-se elementar para a compreensão do processo de transgressão, o meio pelo qual se deu a transfiguração que concatena “O cão sem plumas” e “A cadela emplumada”.

A tônica dessa transgressão se sustenta nos aspectos sociais que ambos os poemas abordam. À medida que o eu poético de João Cabral de Melo Neto expressa com lamento o estado desfalecido do Capibaribe, ponderando a respeito daquilo que se estende perante seu olhar, o eu lírico de Aymmar Rodríguez, como um transeunte, delata os dissabores das zonas de cimento e concreto, reclamando atores e eventos históricos para burilar sua voz, reconstruindo pela “queerização” do cão desprovido de plumas e adereços de Cabral em cadela enfeitada de plumas: pobre, mas ciente de seus adereços e de sua transgenericidade. A filha de Guandirô, deus da Noite, com a bela Maricy só poderia ser uma cadela transgênero/ transgressora que se traveste de plumas para sobreviver à imposição de morte colonial aos corpos dissidentes e miseráveis dos descendentes de indígenas e negras/os que constroem o progresso da cidade sendo por ele esmagados e condenados à fome.

Salta-nos aos olhos a operação que o olhar homoerótico do poeta-heterônimo Aymmar Rodríguez opera ao transicionar o gênero do cão cabralino em cadela que uiva seu cio, luta por suas crias e nos permite ecoar as ideias de Souza Jr (2019) e afirmar tal olhar homoerótico como eficaz dispositivo de leitura, que emerge do próprio poema de Rodríguez, como uma provocação a provocar um efeito diverso: “... o olhar homoerótico vai revelar-se uma estratégia igualmente discursiva (...), no sentido de não se deixar fossilizar por cânones tradicionais que cerceiam a própria dinamicidade da História, em seu fluxo contínuo.” (2019, p. 105).

Ou seja, o rio permanece leito de fome e opressão e Rodríguez atualiza as imagens cabralinas pondo delineador nos olhos de sua cadela, emplumando-a para revelar o luxo da luta e sobrevivência da ancestralidade indígena e dos trabalhadores

africanos precarizados habitantes das margens do rio e da cidade. A poesia de Rodríguez repõe em cena Cabral potencializando, mais uma vez, os dizeres de Souza Jr (2019, p. 173) de que “a literatura é uma espécie de ruído da cultura” e transgride para empurrar aos limites a origem epifânica do mundo que a poesia instaura para operar na ordem do real desvelando suas entranhas.

Ademais, tanto a transfiguração do poema de Melo Neto quanto a projeção enunciativa do vídeo-poema nos permitiram a leitura resvalada dos constructos fossilizados de leitura/ esquadrinha do texto literário. Desse modo, pudemos laborar com operadores de leitura os quais se harmonizaram aos nossos interesses de análise: as relações dialógicas e o homoerotismo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** (o dilema brasileiro: pão ou aço). Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

MORAES, Raimundo de. Duas portas e infinitos caminhos. MOARES, Raimundo de (Org.). **Coesia**. Recife: Edição do autor, 2015.

NETO, João Cabral de Melo. s.d. **O cão sem plumas**. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4544018/mod_resource/content/1/Jo%C3%A3o%20Cabral%20de%20Melo%20Neto%20-%20O%20c%C3%A3o%20sem%20plumas.pdf>. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

RODRIGUÉZ, Aymmar e HENNING, Alma In: Moraes, Raimundo de (org). **Coesia**. Recife: edição do autor, 2015.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. **Herdeiros de Sísifo**: teoria da literatura e homoerotismo. Uberlândia: O sexo da palavra, 2019. (edição revista e ampliada).